

## **DO CONHECIMENTO AO ENTENDIMENTO:**

### **IDAS E VINDAS**

*Manfred A. Max-Neef*

Universidade Austral

Valdivia, Chile

Setembro 2004

O chileno Manfred Max-Neef estudou economia e fez carreira como empregado da empresa Shell. Em 1957 deu as costas para a indústria e dedicou-se a estudar os problemas dos países em desenvolvimento. Trabalhou para organizações da ONU e em diversas universidades dos Estados Unidos e da América Latina. Inspirado pelo imperativo de E.F. Schumacher *small is beautiful*, desenvolveu teses que chamou de «economia descalça» e «economia em escala humana», cujos critérios ele definia já nos anos 80 numa matriz que engloba dez necessidades humanas básicas. Nos anos 90 formulou, com a hipótese do «umbral», a ideia de que, a partir de determinado ponto do desenvolvimento econômico, a qualidade de vida começa a diminuir.

#### **Por que estamos aqui onde estamos?**

A vida é uma infundável sequência de bifurcações. A decisão que tomo implica todas as decisões que não tomei. O caminho que escolho



é parte de todos os caminhos que não escolho. Nossa vida é, inevitavelmente, uma permanente escolha por uma dentre uma infinidade de possibilidades ontológicas. O fato de que eu estava num determinado lugar, num dado momento no tempo, quando determinada situação ocorreu

ou determinada pessoa apareceu, talvez tenha tido um efeito decisivo no resto de minha vida. Poucos minutos antes ou depois, ou poucos metros adiante em alguma direção, talvez pudessem determinar uma bifurcação diferente e, assim, uma vida completamente diferente. Como o grande filósofo espanhol José Ortega y Gasset anotou: *“Eu sou eu e minhas circunstâncias”*.

O que vale para as vidas individuais também vale para as comunidades e para as sociedades. O que se chama Civilização Ocidental é o resultado de suas bifurcações. Nós somos o que somos, mas poderíamos ter sido o que não somos. Vamos ver algumas dessas nossas bifurcações decisivas.

Em algum momento, no século XII, na Itália, um jovem chamado Giovanni Bernardone, muito jovem e muito rico, decidiu-se por uma mudança radical em sua vida. Como resultado dessa transformação, nós o lembramos, hoje em dia, pelo nome de Francisco de Assis. Francisco, quando se referia ao mundo, falava do irmão Sol e da irmã Lua, do irmão lobo, e da água, fogo e árvores também como irmãos. O mundo que ele descrevia, ao qual se referia e sentia, era um mundo onde o amor era não só possível, mas fazia sentido e tinha um valor universal.

Algum tempo depois, também na Itália, ouvimos ressoar a voz do brilhante e astuto Maquiavel, advertindo-nos de que “é muito mais seguro ser temido do que ser amado”. Ele também descreve um mundo, mas, além disso, cria um mundo.

O mundo que temos hoje em dia não é o de Francisco. É o mundo de Maquiavel. Francisco é a rota não navegada. A navegação que escolhemos é a de Maquiavel, e inspirados por ele construímos nossas concepções sociais, políticas e econômicas.

Em 1487, outro jovem, nos seus 23 anos de idade, Francesco Pico della Mirandola, prepara-se para a defesa pública de suas 900 teses sobre a concórdia entre as diferentes religiões e filosofias. Ele se recusa a fechar-se

na estreiteza de uma só doutrina. Convencido de que a Verdade é múltipla, nunca apenas uma, ele buscou uma renovação espiritual que alcançasse uma humanidade reconciliada.

Alguns anos mais tarde, um ardoroso crente na verdade absoluta e nas possibilidades da certeza, Francis Bacon, nos convida a torturar a natureza porque, liberando seus segredos, podemos extrair dela a Verdade.

De novo, dois mundos. Um, representando o caminho que seguimos; outro, o caminho que não tomamos. Não seguimos o caminho sugerido por Pico della Mirandola, mas optamos por aceitar o convite de Bacon e, assim, continuamos a aplicar sua receita com eficiência e entusiasmo.

Continuamos a torturar a natureza no sentido de extrair dela o que acreditamos ser a verdade.

No ano de 1600, Giordano Bruno foi levado à fogueira, vítima de seu panteísmo, pois acreditava que a Terra é vida e que tem uma alma. Tudo, para ele, são manifestações da vida. Tudo é vida.

Três década mais tarde, Descartes anota tranquilamente em suas Reflexões metafísicas: “Através de minha janela o que vejo são chapéus e casacos cobrindo máquinas automáticas”.

Nós não navegamos na rota de Giordano Bruno. Nós escolhemos aquela de Descartes, e, nesse andar, vimos o triunfo do mecanicismo e do reducionismo. Para Galileu e Newton, a linguagem da natureza é matemática. Nada é importante na natureza se não pode ser medido. Nós e a natureza, o observador e o observado, somos entidades separadas. A ciência é a suprema manifestação da razão, e a razão é o supremo atributo da vida humana.

Goethe, cuja contribuição científica foi (injustamente) obscurecida por seus colossais feitos na literatura e nas artes, sentiu o problema no que ele acreditava serem limitações da física newtoniana. Para Goethe, “é ciência é muito mais uma via interna do desenvolvimento espiritual do que uma

disciplina armada para a acumulação do conhecimento sobre o mundo físico. Isto envolve não apenas um rigoroso treinamento de nossas faculdades de observação e pensamento, mas também outras faculdades humanas com que podemos atingir a dimensão espiritual, que subjazem e interpenetram o físico: o sentimento, a imaginação e a intuição. A ciência, tal como Goethe a concebia e praticava, tinha como seu mais alto objetivo a excitação do sentimento da maravilha do olhar contemplativo (Anschauung), no qual o cientista consegue ver Deus na natureza e a natureza em Deus”<sup>1</sup>.

Mais uma vez, dois mundos. E outra bifurcação. Continuamos sob a sedução irresistível de Galileu e Newton, e não escolhemos navegar pela rota da ciência de Goethe. Sentimento, intuição, consciência e espiritualidade continuam banidos dos interesses da ciência, apesar, sem dúvida, das novas luzes lançadas pelo campo da física quântica. O ensino de economias convencionais, tão incrível quanto retumbante, exigindo ser um “valor livre”, é um evidente exemplo em questão. Uma disciplina em que a matemática se torna um fim em si mesma, ao invés de uma ferramenta, e segundo a qual apenas o que pode ser medido é importante, gerando modelos e interpretações teoricamente atraentes, mas totalmente divorciados da realidade.

Johannes Brahms compôs dois concertos para piano e orquestra. Não obstante nossa preferência por um ou outro, o fascínio está com o primeiro. De fato, é uma esplêndida demonstração da rota que Brahms finalmente decidiu não navegar. E nós continuamos para sempre com a curiosidade de saber como o outro Brahms teria sido.

O caminho está dado. A rota não navegada é lembrada apenas como coisa de ratos de biblioteca, e à rota navegada atribuímos o sucesso espetacular e seus feitos. A universidade, particularmente, escolheu as rotas de Maquiavel, Bacon, Descartes, Galileu e Newton. E as de Francis, Pico,

Giordano Bruno e Goethe (enquanto cientista) são circunscritas, tornaram-se notas de pé-de-página.

Como resultado da rota navegada, nós manobramos para construir um mundo no qual – como sugere o filósofo catalão Jordi Pigem<sup>2</sup> – as virtudes cristãs fé, esperança e caridade se metamorfosearam em esquizofrenia, depressão e narcisismo. A navegação, sem dúvida, foi fascinante e espetacular. Há muito o que admirar nela. No entanto, se a esquizofrenia, a depressão e o narcisismo agora são o espelho da nossa realidade existencial, isto é porque de repente nos encontramos num mundo de confusão. Neste mundo de desencantamento, no qual o progresso torna-se paradoxal e absurdo e a realidade tão incompreensível, é que procuramos refúgio desesperadamente numa tecnologia que oferece um escape por meio de realidades virtuais.

### **Aonde chegamos?**

Chegamos a um ponto de nossa evolução humana no qual conhecemos um bocado, mas entendemos muito pouco. Nossa navegação escolhida é pilotada pela razão, levando-nos ao porto do conhecimento. Nunca, em toda a nossa existência, acumulamos mais conhecimento que durante os últimos cem anos.

Estamos celebrando a apoteose da razão, mas em meio a essa esplêndida celebração, repentinamente temos o sentimento de que alguma coisa está perdida.

Sim, nós podemos alcançar o conhecimento a respeito da maioria das coisas que queiramos. Nós podemos, por exemplo, guiados pela crença em nosso método científico, estudar tudo o que existe, da teologia, antropologia, sociologia, psicologia, e sob a perspectiva bioquímica, um fenômeno humano chamado amor. O resultado será que nós conheceremos tudo o que pode ser conhecido sobre o amor. Mas, uma vez alcançado este

conhecimento completo, cedo ou tarde descobriremos que nós nunca entenderemos o amor, a menos que amemos.

Nós compreenderemos que o conhecimento não é a rota que conduz ao entendimento, porque o porto do entendimento é uma outra margem, requerendo uma navegação diferente. Aí então compreenderemos que só alcançaremos aquilo do qual nos tornamos parte. Este entendimento é resultado da integração, enquanto o conhecimento é resultado da separação. O entendimento é holístico, enquanto o conhecimento é fragmentado. Enfim, chegamos a um ponto no qual, finalmente, tornamo-nos consciente que o conhecimento não é suficiente, e que temos que aprender como sustentar o entendimento para alcançar a integralidade do nosso ser. Nós, talvez, estejamos começando a compreender que o conhecimento sem o entendimento é vazio, e que o entendimento sem o conhecimento é incompleto.

Portanto, nós precisamos aceitar que a navegação em que estamos tem de ser abandonada. Mas para que isto aconteça, temos de encarar o grande desafio da linguagem da mudança.

José Ortega y Gasset, o filósofo espanhol que já citamos, diz que “cada geração tem seu tema”. Devemos acrescentar que cada geração ou período histórico é dominado por ou enquadrado pelo encantamento de alguma linguagem.

O caminho é este, e não há nada errado nisso, da mesma forma que a linguagem dominante num dado período é coerente com os desafios daquele período.

O importante é ter em mente que aquela linguagem influencia nossas percepções e disso decorre a configuração de nossas ações. Vamos a alguns exemplos.

Durante os primeiros três séculos do segundo milênio da civilização ocidental, a linguagem dominante era de natureza teológica, significando

que os atos humanos eram justificados em termos de uma chamada superior para além da vida cotidiana. Isto tornou possível a construção de grandes catedrais e monastérios num tempo sem alternativa. Esta construção vai demorar seiscentos anos? Ninguém tinha pressa. Além do mais, eles estavam construindo para a eternidade e a eternidade não é um tempo infinito, está fora do tempo. Graças a Deus, a linguagem da “eficiência” ainda não tinha sido inventada. A importância repousava na realização, não no tempo despendido. Foi um caso de coerência entre linguagem e desafio histórico.

A linguagem dominante no século XIX era basicamente aquela da consolidação da nação-Estado. Os grandes discursos de líderes políticos como Disraeli, Gladstone e Bismarck são exemplos relevantes disso. Sem descer a detalhes, podemos dizer que a linguagem dominante naquele século era coerente com as mudanças históricas daquele tempo.

Foi somente no século XX que a linguagem dominante era o econômico, especialmente durante sua segunda metade. Uma rápida leitura mostra algumas perspectivas interessantes. O fim dos anos 20 e começo dos anos 30 foi o tempo que chamamos da grande depressão, com a emergência da economia keynesiana. A linguagem keynesiana é, no mais das vezes, resultado da crise, tendo a capacidade de interpretar essas crises bem como sua superação. É, de novo, uma linguagem (ou melhor, uma sublinguagem) coerente com o período histórico.

A próxima sublinguagem acontece durante os anos 50 e 60, com a emergência da chamada linguagem desenvolvimentista. Uma linguagem do otimismo, utopia e felicidade. Economistas se manifestavam, naqueles dias, dominados pelo sentimento de que, enfim, havíamos descoberto como promover o verdadeiro desenvolvimento e a superação da pobreza no mundo. Para os objetivos de nossa argumentação, é desnecessário reproduzir, aqui, suas prescrições.

Seja como for, o que deve ser salientado é que, embora as metas não tenham sido plenamente atingidas, muitas coisas, naquela década, mudaram de uma maneira positiva. Enfim, uma linguagem parcialmente coerente com os desafios históricos.

E chegamos às últimas três décadas do século XX com a emergência do discurso neoliberal. Uma linguagem que dominou durante um período no qual a pobreza no mundo cresceu dramaticamente, com dívidas que arrebantaram muitas das economias nacionais e geraram uma brutal superexploração dos povos e dos recursos naturais, com a destruição de ecossistemas e da biodiversidade atingindo níveis desconhecidos na história humana, além da acumulação dos recursos financeiros em mãos de tão poucos que chega a proporções obscenas.

Os efeitos desastrosos dessa linguagem, absolutamente incoerentes com as mudanças históricas, estão claros para quem quiser ver, enquanto os decisores e controladores do poder preferem olhar na direção oposta e agarrar-se a receitas pseudorreligiosas.

### **Aonde chegaremos a partir daqui?**

Até aqui, nós temos sido seres bem-sucedidos, ainda que incompletos. E muito provavelmente esta incompletude seja responsável pelas inquietações e ansiedades que permeiam nossa existência no mundo de hoje. Talvez tenha chegado o momento de parar e pensar. Agora nós temos a oportunidade de analisar, com verdadeira honestidade, o mapa de nossa navegação, com todos os seus azares e sucessos, com todas as suas tragédias e glórias. E quem sabe vislumbrar o mapa alternativo da rota ainda não navegada e, entre as suas orientações, escolher aquela que pode nos resgatar de nossa confusão existencial.

Talvez faça sentido começar a olhar os irmãos e irmãs à nossa volta. Talvez seja bom acreditar nas possibilidades da harmonia entre muitas verdades



possíveis. Talvez existam vantagens para nós o desafio de imaginar e crer que a terra tem uma alma e que tudo é vida. Talvez seja bom entender que não existe razão alguma para banir a intuição, a espiritualidade e a consciência dos interesses da ciência. Ou, nas palavras de Goethe, “se buscássemos consolo na totalidade, logo aprenderíamos a descobrir a totalidade na menor parte”, porque “nada é mais consoante com a Natureza do que o que ela põe em operação no menor detalhe do que o que ela projeta como totalidade”<sup>3</sup>.

Nossa apaixonada perseguição ao conhecimento postergou nossa navegação rumo ao entendimento. Mas nada existe a impedir o empreendimento de uma outra navegação, na qual não exista uma economia tal como a praticada sob as ordens do discurso neoliberal, que incrementa realidades distorcidas, contribui para a nossa confusão e falsifica o próprio conhecimento.

Nenhuma sustentabilidade (que, obviamente, é requerida pelo entendimento) pode ser conseguida sem uma mudança de linguagem. Uma nova linguagem que abra a porta do entendimento; não a linguagem do poder e dominação, mas a linguagem que emerge do fundo da nossa autodescoberta como parte inseparável da inteireza que está na origem do milagre da vida. Se conseguirmos provocar tal mudança, talvez tenhamos experimentado a satisfação de fazer surgir um novo século digno de nele vivermos.

Tenhamos a esperança de uma viagem segura e o cumprimento de uma navegação rumo a litorais que nos tornem seres capazes do entendimento da integralidade da vida.

\*\*\*\*\*

1. Jeremy Naydler, Goethe on Science, pg. 23. Floris Books, England, 2000.
2. Jordi Pigem, La Odisea de Occidente, Editorial Kairós, Barcelona, Spain, 1993

3. Mentioned by Jeremy Naydler, in Goethe on Science pg. 92-93, Floris Books, Great Britain, 2000.